

Heloisa Codogno de Meira

**Orientação profissional ou vocacional:
Reflexões para uma Fundamentação do trabalho
Psicopedagógico**

São Paulo

Março - 2011

Heloisa Codogno de Meira

**Orientação profissional ou vocacional:
Reflexões para uma Fundamentação do trabalho
Psicopedagógico**

Monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós Graduação Lato Senso em Psicopedagogia – PUCSP/2011 – sob orientação da Prof. Dra. Maria Teresa Baptista.

São Paulo

Março - 2011

Resumo

Este trabalho apresenta minha pesquisa sobre a atuação do psicopedagogo na orientação profissional de adolescentes tendo como referencial as teorias de Carl Gustav Jung, Elvina Lessa, José Jorge Zacarias, Gardner sobre as inteligências múltiplas e Marina Miller.

Na primeira parte do trabalho, descrevo o processo histórico do tema no Brasil. Para elucidar a questão, apresento os conceitos de orientação vocacional e profissional. Na sequência, faço um recorte da fase adolescência vivenciada pelo ser humano e suas especificações como autoconceito ressaltando conceitos importantes para conclusão.

Na segunda parte, faço uma pesquisa bibliográfica sobre a teoria de Carl Gustav Jung fazendo referência aos conceitos envolvidos em sua teoria como funções psíquicas e dinâmicas da personalidade.

Concluo que orientação profissional torna-se o termo mais adequado, pois abrange princípios que coincidem com os da psicopedagogia que são: viabilizar a melhoria da qualidade de vida e com o favorecimento da existência digna das atuais e das futuras gerações com a compreensão de que o exercício da profissão e da cidadania caminham juntos e são construídos nas relações.

Palavras chaves: Orientação profissional, adolescentes e psicopedagogia.

Abstract

This study presents my research into the work of psychopedagogists vocational guidance of adolescents having as reference the theories of Carl Gustav Jung, Elvina Lessa, Jose Jorge Zacarias, Gardner about multiple intelligences and Marina Miller.

In the first part of the work, I describe the historical process of the subject in Brazil. To elucidate the question, I present the concepts of vocational and professional guidance. In the sequence, I cut a teenage phase experienced by humans and their specifications as self-concept highlighting important concepts to completion.

In the second part, I do a literature research on the theory of Carl Gustav Jung with reference to the concepts involved in its theory and psychological functions and dynamic personality.

I conclude that career guidance becomes the more appropriate term because it encompasses principles which coincide with the educational psychology that are feasible to improve the quality of life and the enhancing of dignified existence of current and future generations with the understanding that the profession and citizenship go together and are constructed in relations

Keywords: Career guidance, adolescent and educational psychology.

Índice

1	INTRODUÇÃO	6
2	ORIENTAÇÃO VOCACIONAL: APRESENTANDO O CONCEITO.....	9
2.1	Histórico sobre Orientação Profissional no Brasil.....	12
3	ADOLESCÊNCIA	16
3.1	Situações específicas da escolha profissional: Autoconceito	19
4	A TIPOLOGIA DE CARL GUSTAV JUNG	21
4.1	Funções Psíquicas	23
4.2	Dinâmica da personalidade	25
4.3	Estágios do desenvolvimento da personalidade.....	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
6	BIBLIOGRAFIA.....	30

1 Introdução

O desejo de escrever sobre este tema surgiu com a experiência adquirida durante o primeiro semestre de 2010, realizada no estágio com o grupo de supervisão da professora Eloísa Quadros Fagali, passei a querer entender mais sobre as dificuldades vivenciadas pelos indivíduos durante a fase de adolescência sendo a principal a escolha vocacional.

Neste semestre, por exemplo, o que me causou inquietação nesta questão foi uma cliente de 14 anos com dificuldades de aprendizagem em uma das sessões ter confessado para mim que os pais e familiares são muito bravos com ela, porque ela gosta de ficar com as amigas e esquece-se dos serviços de casa. Depois de escutar esta história e ter, no decorrer deste semestre, dado especial atenção a esta aluna e tentado desmistificar suas dificuldades, percebi o quanto tenho que aprender com os aprendentes e ir à busca de material bibliográfico bem como participar do curso de orientação vocacional promovido pela ONG - Interação para uma melhor compreensão dos fatores envolvidos nas escolhas dos adolescentes e de seus desejos.

Segundo Partida (2010) o psicopedagogo deve atuar e não somente investigar e observar, pois seu papel deve ser de um agente ativo dentro do processo de ensino e aprendizagem. Portanto, pretendo iniciar esta pesquisa investigando as tipologias de Jung. Além disso, precisarei fazer uma pesquisa bibliográfica baseada nas obras de Rodolfo Bohoslavsky, Rosane Schotgues Levenfus sobre o que é orientação vocacional e a quem se destina. Prosseguirei minha pesquisa com outros estudiosos como: Elvina Lessa, José Jorge Zacarias, Gardner sobre as inteligências múltiplas, Marina Miller entre outros que possam me ajudar a compreender sobre o assunto.

A psicopedagogia como área de conhecimento e de atuação preocupa-se em compreender o sujeito e o processo de aprendizagem. Como afirma Bossa (2000) “A Psicopedagogia se dedica ao estudo do processo de aprendizagem e como os diversos elementos envolvidos nesse processo podem facilitar ou prejudicar o seu desenvolvimento” (p.12)

É por este motivo que aproveito o curso de Psicopedagogia para investigar como os profissionais (pedagogos, psicólogos e psicopedagogos) podem ajudar os jovens na escolha profissional e se existem diferenças de atuação de acordo com suas formações.

Minha intenção com este trabalho é pesquisar qual o papel do psicopedagogo no processo de ajuda ao jovem com dúvidas a respeito de sua carreira, numa orientação profissional. Que técnicas utilizam e se o jovem participa ativamente, o que acredito ser imprescindível para que venha a reconhecer e se apropriar de um processo que lhe pertence e que deverá ser vivenciado por ele.

Minha hipótese de autoconhecimento possa ser o meio mais adequado para favorecer a escolha profissional dos jovens. Cada aluno é único, singular e tem a sua história de vida construída na relação com o mundo externo: sua família, amigos e sociedade e acredito que quanto mais em contato com sua realidade subjetiva, mais próximo a realização pessoal e profissional ele estará.

Como psicopedagoga acredito na teoria de Jung, quando cita o Processo de Individuação, pois:

“Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entenderemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos, pois traduzir ‘individuação’ como tornar-se si mesmo’ ou ‘realizar-se do si-mesmo’.” (Jung, C. G. 1990 p. 49).

“A individuação, portanto só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dada; e outras palavras, é o processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é” (Jung, C. G.; 1990 p.50)

É imprescindível que o jovem chegue ao autoconhecimento via contato consciente e inconsciente, segundo Jung (1990), para que vá descobrindo, realmente, quem é, o que quer vir a ser, inclusive no âmbito profissional. E que, se ele se apropriar de seu processo de individuação, na fase de escolha profissional, ele poderá entender qual é o ‘seu chamado’.

A investigação deste trabalho partiu de uma leitura atenta a obra de Rodolfo Bohoslavsky, buscando alinhar com outros autores que tratam do assunto, em como com os pressuposto de JUNG. Assim, trata-se essencialmente de uma pesquisa bibliográfica.

A seguir, falarei a respeito das diferenças entre orientação vocacional e orientação profissional.

2 Orientação Vocacional: apresentando o conceito

Os termos orientação vocacional e orientação profissional muitas vezes estão presentes nos discursos dos educadores e de todos que lidam com relações humanas.

Mas, afinal, o que é: Orientação vocacional ou profissional? E a quem se destina?

Primeiramente decidi investigar o significado consultando o dicionário.

No dicionário de língua Portuguesa encontrei: “Orientação: Ato ou efeito de orientar-se. Direção guia. Impulso, tendência. Vocação: Ato de chamar. Escolha predestinação. Tendência, pendor. Talento, aptidão. Profissional: Relativo a profissão. Quem faz uma coisa por ofício” .

Rosane Schotgues Levenfus (2010) em seu livro coloca que a história da Orientação Profissional vem unida a história de vocação que deriva de vocatio: chamado interior. Conforme cita Veinstein (1994) “O vocacional tem relação íntima com o sentido que se encontra para a vida. É o que se sente e se pretende ser”.

Levenfus acrescenta orientar-se é guiar no espaço e encontrar, entre diversos valores, aqueles que lhe dizem respeito, que são percebidos, conhecidos, necessários e desejados. (p.118)

A autora reserva o termo “Orientação Profissional” para o trabalho que se limita a informar e a orientar a respeito de profissões, mercado de trabalho, aplicando técnicas de aprendizagem sem enfatizar as questões intrapsíquicas do orientando.

Para Yvette Piha Lehman (2010) *“a Orientação Profissional pode ser considerada como um processo pelo qual o indivíduo é ajudado a escolher e a se preparar para ingressar e progredir em uma ocupação. Para a autora o processo visa harmonizar a inclusão do indivíduo no mercado de trabalho e favorecer seu desenvolvimento profissional e etapas sequenciais previsíveis e lineares”.* (p.19)

Bohoslavsky (1982) denominou Orientação Vocacional uma estratégia clínica a modalidade que adota “um conjunto de operações, por meio do qual o psicólogo ascende à compreensão da conduta do orientando e facilita para este último o acesso à sua própria compreensão”. Entende-se que a entrevista clínica é o instrumento principal para ajudar o jovem a chegar a uma decisão autônoma.

Segundo o autor:

“pode-se exemplificar algumas características subjacentes a modalidade clínica como: 1) O adolescente pode chegar a uma decisão se conseguir elaborar os conflitos e ansiedades que experimenta em relação ao seu futuro. 2) As carreiras e profissões requerem potencialidades, que não são específicas. Portanto, estas não podem ser definidas a priori, nem muito menos ser medidas. 3) O prazer no estudo e na profissão depende do tipo de vínculo que se estabelece com eles. O vínculo depende da personalidade, que não é um a priori, mas que se define na ação (incluindo, certamente, a ação de estudar e trabalhar em determinada disciplina). 4) A realidade sociocultural muda intensamente. Surgem novas carreiras, especializações e campos de trabalho. 5) O adolescente deve desempenhar um papel ativo. A tarefa do psicólogo é esclarecer e informar. A ansiedade não deve ser amenizada, mas resolvida; e isto somente o adolescente elabora os conflitos que lhe deram origem.”

Levenfus considera o termo Orientação Vocacional Ocupacional - OVO para um processo mais abrangente, que diz respeito não somente à informação das profissões, como também, a toda busca de conhecimento a respeito de si mesmo (característica de personalidade, interesses familiares e sociais do orientando) promovendo o encontro das afinidades do sujeito com aquilo que pode vir a realizar em forma de trabalho.

A profissão é parte central na vida adulta do indivíduo e a sociedade valoriza muito o trabalho. A identidade ocupacional tende a ser um dos aspectos mais importantes da identidade pessoal, pois o indivíduo passa a se definir a partir do que fez mais do que pelas características pessoais.

A identidade vocacional é parte da identidade pessoal. Para Bohoslavsky (2007) a identidade ocupacional se adquire quando o sujeito define o que fazer, de que modo, em que contexto e à maneira de quem. A identidade vocacional é uma resposta do por que e

para quem se escolhe uma ocupação. É importante entender as raízes dos seus interesses, pois há sempre motivos conscientes e inconscientes nesta escolha.

Para Bordin (1975), a ideia do OVO é como uma “assessoria vocacional” como um tratamento diferente da psicanálise, pois considera tanto a escolha intrínseca como a extrínseca aliado a um modelo interno e dinâmico.

O autor descreve três fases do pensamento psicológico com relação à questão vocacional. Bordin cita que em um primeiro momento se considerava a escolha como um processo de estar bem informado dos diferentes ocupações, dos requerimentos educativos, das condições de trabalho e dos salários. Tratava-se um modelo centrado nas motivações extrínsecas.

Em outra fase, o modelo de escolha vocacional foi ampliado com um misto de motivações extrínsecas e intrínsecas por meio das demandas psicológicas das ocupações com características dos adolescentes.

Regina Anzolch Crestani (2010) salienta ainda, que o “desenvolvimento vocacional é um processo que se estende da infância até a velhice”, desenrolando-se de maneira ordenada, previsível, dinâmica, visto que resulta da interação entre os conhecimentos do indivíduo e as solicitações da cultura.

É um campo de atividade de atuação dos cientistas sociais, que compreende uma série de dimensões e ramos que englobam elaboração de planos de estudo, seleção de bolsistas, aconselhamento na elaboração de planos de estudos Segundo Bohoslavsky (1977):

“Constitui uma ampla gama de tarefas, que inclui o pedagógico e o psicológico, em nível de diagnóstico, de investigação, de prevenção e a solução da problemática vocacional”. (p.2)

“São procedimentos dos psicólogos especializados, cujos clientes são pessoas que enfrentam, em determinado momento de sua vida – em geral, a passagem de um ciclo educativo a outro - a possibilidade e a necessidade de tomar decisões” (p.28)

A escolha acaba sendo um momento crítico na vida do indivíduo. Dos 15 aos 19 anos emergem dificuldades e o trabalho de orientação pode trazer as soluções de natureza vocacional. A orientação se constitui de atividade que correspondem a quadros de referência, orientações teóricas, concepções filosóficas, científicas e diferentes técnicas de trabalho.

A Psicopedagogia entraria aqui com a preocupação com a aprendizagem da escolha, tentando, a partir de uma Orientação Profissional, ajudar o jovem a aprender a escolher, baseado em dados internos e externos.

Tendo em vista a importância do trabalho de Orientação Profissional, focalizo na presente monografia, reflexões sobre aspectos históricos da Orientação Profissional no Brasil.

2.1 Histórico sobre Orientação Profissional no Brasil

Antigamente, as vocações eram consideradas herdadas e os ofícios eram herdados. Atualmente, a psicologia revê o sentido de vocação, atribuindo importância sobre este fenômeno. A vocação é uma tendência para alguma atividade, um interesse, uma propensão, uma facilidade natural para algo que se pode desempenhar.

Algumas abordagens consideram-na como facilidade, como características inatas, mas que foram ampliadas no desenvolvimento e na criação da pessoa. Porém, ainda há polêmicas sobre se a vocação é inata ou gerada pela cultura e aprendizagem.

Para Oswaldo de Barros Santos (1973), A Orientação Profissional surge no Brasil no início do século XX como um serviço do Liceu de Artes e Ofícios em São Paulo, para se

,lecionar e orientar jovens. Posteriormente, em 1931, Lourenço Filho fundou o primeiro Serviço Público de Orientação Educacional e profissional no Colégio Caetano de Campos.

Em 1942, a profissão de Orientador Educacional foi regulamentada pela Lei Orgânica do Ensino e tinha como tarefas o acompanhamento individualizado dos alunos e a assessoria na escolha ocupacional visando à integração entre escola, família e comunidade. Para Silva e Uvaldo (2010), “O ensino profissionalizante foi o berço da Orientação Profissional no Brasil”. (p.33)

Em 1947, é inaugurado o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), tendo como responsável técnico o psiquiatra e psicólogo espanhol Mira Y Lopes.

Em 1971, é promulgada a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), a qual institui a figura do orientador Educacional nas escolas de ensino médio e podia atuar neste campo pessoas com diferentes formações.

Já com regulamentação da profissão de psicólogo em 1962, coloca os testes de uso exclusivo destes profissionais. Logo depois em 1968 a profissão de Orientador Educacional é regulamentada dando poderes aos pedagogos de exercerem a função de coordenadores do processo.

Historicamente dois caminhos foram traçados: os psicólogos detentores de ferramentas e os pedagogos coordenando o processo, ambos em busca de referenciais para o trabalho.

Para Silva e Uvaldo (2010):

“A Psicologia cuida da problemática da escolha profissional, basicamente em consultórios particulares e instituições, valendo-se das teorias psicológicas, sobretudo a estratégia clínica de Bohoslavsky 1981”. (p.32)

“Enquanto os educadores buscam alternativas curriculares no ensino médio em escolas estaduais de São Paulo”. (p.32)

Santos (1973), pioneiro nesta área no Brasil, a Orientação Profissional passou por quatro estágios teóricos-práticos: o informativo que oferecia informações a respeito das profissões, suas perspectivas e exigências, o psicométrico que valorizava as

características pessoais para o sucesso em determinado campo profissional, a partir da análise das funções exigidas em cada tipo de trabalho, avaliava inteligência, aptidões motoras e sensoriais, personalidade, além de definir qual a profissão mais adequada para o indivíduo. Clínico enfatizava o papel ativo do indivíduo, atribuindo-lhe potencial e recursos para a auto compreensão e auto direção. Político e Social incluía como fator relevante o contexto sociopolítico do processo de escolha profissional.

Para Lehman (2010), a partir da década de 90 transformações no mundo ocasionaram um esvaziamento do espaço vital e de subjetivação do sujeito por meio de seu trabalho.

Para a autora novos contextos se impõem devido à nova realidade, hoje vivemos a ERA DE KAIRÓS, uma etapa a qual a mitologia grega associa a um tempo não absoluto, descontínuo, imprevisível e não linear. Dessa forma, fará necessárias reflexões que resgatem as articulações entre o indivíduo e os sistemas sociais.

Bohoslavsky (2007) diz que,

“Por mais que tenha se substituído à ênfase da natureza biológica por uma cultura, continua-se pensando que as pessoas estão, por algum motivo, melhor preparadas para certas tarefas do que para outras”. (p.47)

Segundo ele, quando deixarmos de pensar no ser humano como objeto de observação, diagnóstico e orientação e pensarmos a entendê-lo como um sujeito de comportamento e capacidade própria de decisão e possibilidade de escolha, perceberemos a dimensão ética da orientação profissional. Se o homem é visto como um sujeito de escolhas, a escolha do futuro lhe pertence e nenhum profissional tem o direito de expropriá-lo disto.

A Psicopedagogia é uma área de conhecimento, e de atuação, dirigida para compreender o sujeito e o processo de aprendizagem. Surge para reintegrar o afeto e a cognição, para resgatar o imaginário, o sentimento e o sensorial no processo de construção do conhecimento, levando em conta as múltiplas formas de aprender, as

diferentes inteligências e diferentes linguagens dos jovens. Surge para integrar a arte e a ciência o verbal e o não verbal. A Psicopedagogia busca o autoconhecimento do jovem aprendiz e do educador/terapeuta. Proporciona o dialogo com os sentimentos e com as diversas formas de olhar e processar o conhecimento, ampliando a consciência, possibilitando a instrumentalização para lidar com as diferentes formas de pensar e se expressar no mundo.

Nesta ERA DE KAIRÓS, é necessário um espaço para que o jovem possa aprender a escolher, através de um processo de olhar para si mesmo, encontrando valores, necessidades, poderes e capacidades. A aprendizagem da escolha deveria ser/ uma prática continuada nos ambientes educacionais, para que o jovem pudesse viver este processo gradativamente.

A seguir, acho importante explorar o momento da adolescência e suas respectivas características, já ela em si só é uma fase conturbada de mudanças, que podem afetar a escolha profissional do indivíduo.

3 Adolescência

No presente capítulo tenho a intenção de escrever sobre a fase da adolescência suas características e perturbações e assim relacioná-las com a escolha profissional.

Os termos "adolescência" e "juventude" são por vezes usados como sinônimos (como em alemão Jugend e Adoleszenz, inglês Youth e Adolescence), por vezes como duas fases distintas, mas que se sobrepõem: para Steinberg a adolescência se estende aproximadamente dos 11 aos 21 anos de vida, enquanto a ONU define juventude (ing. youth) como a fase entre 15 e 24 anos de idade - sendo que ela deixa aberta a possibilidade de diferentes nações definirem o termo de outra maneira; a Organização Mundial da Saúde define adolescente como o indivíduo que se encontra entre os dez e vinte anos de idade, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece ainda outra faixa etária - dos onze aos dezoito anos. Além disso, Oerter e Montada decrevem uma "idade adulta inicial" (al. frühes Erwachsenenalter) que vai dos 18 aos 29 anos e que se sobrepõem às definições de "juventude" apresentadas. Como quer que seja, é importante salientar que "adolescência" é um termo geralmente utilizado em um contexto científico com relação ao processo de desenvolvimento bio-psico-social. Como mais adiante se verá, o fim da adolescência não é marcado por mudanças de ordem fisiológica, mas sobretudo de ordem sócio-cultural.

Para Henri Wallon (1879 – 1962) a adolescência começa a partir dos 11 anos, e nesta fase ocorrem às ambivalências de sentimentos, em que se alternam entre timidez, arrogância, absoluto egoísmo e desprendimento total e momentos de indecisão nas relações sociais. Com relações aos familiares as preocupações metafísicas permeiam as relações.

Para o autor é nesta fase que a capacidade intelectual fica aguçada e o jovem começa a buscar a razão de ser das coisas e das pessoas, a sua origem, o seu destino, consolida-se a capacidade de raciocínio de tipo científico o espírito da dúvida e de construção, invenção, descoberta, de aventura e criação.

Segundo Lev Semenovitch Vygotsky (1896 – 1934) do ponto de vista afetivo é a partir dos 12 anos que se destaca o amor próprio e a auto-estima e com 13 anos fica mais evidente a capacidade de compreensão e dedução dos fatos, em lugar do processo visual-direto.

De acordo com Elkonin (1996) Vigotsky procurou compreender a estrutura semântica da consciência, “o caráter e o conteúdo daquelas generalizações em cuja base se estrutura no adolescente o quadro do mundo”.

É a fase do desenvolvimento humano que marca a transição entre a infância e a idade adulta. Com isso essa fase caracteriza-se por alterações em diversos níveis físico, mental e social, representando para o indivíduo um processo de distanciamento de formas de comportamento e privilégios típicos da infância e de aquisição de características e competências que o capacitem a assumir os deveres e papéis sociais dos adultos.

Becker (1985) ressalta que o adolescente utiliza de sua capacidade pensante de uma forma diferente da criança. Esta diferença é uma consequência das transformações corporais, de novos estímulos ambientais e de uma mudança qualitativa na atividade cognitiva (pensamento e inteligência).

Parafraseando Piaget, nesta fase a capacidade de raciocinar sobre o raciocínio da autonomia para uma representação de segunda ordem. Distinguindo assim, as formas de pensar de operações mentais concretas para as formais.

Segundo Becker (1985):

“A capacidade de engendrar possibilidades, formular hipóteses e pensar a respeito de símbolos sem base na realidade permite ao adolescente passar a especular, abstrair, analisar, criticar. Essas transformações na inteligência afetam todos os aspectos da sua vida, pois ele utiliza as novas capacidades para pensar a respeito de si mesmo e do mundo que o cerca”. (p.26)

Segundo Becker é nesta fase que surge a crise de identidade, para o psicanalista a principal “tarefa” do adolescente nesta fase é a aquisição da identidade do ego.

Para o autor:

“A chamada “crise de identidade”, que acarrete angustia passividade e dificuldades de relacionamento, surge a partir de conflitos de valores e identificações dos adolescentes.” (p.41)

Nesta fase acontece à busca do eu no outro, o jovem busca novas identificações, novos padrões de comportamento. Segundo Becker (1985) “sempre que possíveis bem diferentes dos que seus pais representam.” (p.43)

Nesse momento a necessidade de pertencer a um grupo é de grande importância, pois nesta fase o jovem encontra-se em meio à infância e adolescência e enfrenta afirmações do tipo “você é grande demais para isso” ou “você é pequeno demais para isso” o jovem fica marginalizado entre as fases. O grupo, então, ajuda o jovem a encontrar a própria identidade num contexto social.

Segundo Becker (1985) “é nessa época em que a auto-imagem se modifica radicalmente, e o adolescente procura conforto em sua roda de companheiros, padronizando suas idéias, suas atitudes” (p.43)

No próximo tópico irei explorar situações específicas como auto-conceito que interferem na fase da adolescência e na escolha profissional.

3.1 Situações específicas da escolha profissional: Autoconceito

Magagnin e colaboradores (1997) realizaram pesquisa sobre o auto-conceito em jovens filhos de casais separados. Verificaram que os filhos de pais separados apresentam um autoconceito baixo ou médio-baixo. Pesquisando a possibilidade de alterações no autoconceito do adolescente de ambos os sexos frente ao sistema familiar intacto e não intacto perceberam que existe uma satisfação familiar que corrobora uma boa relação com os pais, sendo que a segurança pessoal tende a ser reforçada quando os pais vivem juntos.

Segundo os autores, nas famílias que vivem juntas, o adolescente apresenta “alto índice de autocontrole; segurança pessoal, uma tendência de alto índice de self-moral; índice de self somático baixo e autoconceito elevado” (p.137)

Em famílias, cujos pais são separados: prejuízo da segurança moral; baixo controle; baixo rendimento escolar; frequência no uso de drogas; médio índice de self-moral e autocontrole médio-baixo. (p.137)

As pesquisas constatarem que quanto melhor forem as experiências vivenciadas pelos adolescentes nesta fase, mais positivo parece ser o conjunto de percepções a respeito de si mesmo.

Para Magagnin “O autoconceito do adolescente se torna significativo para o desenvolvimento adequado ao longo das etapas que ele percorre no ciclo vital familiar”. (p137)

Para Barber e Eccles (1992):

“Na adolescência, as áreas do desenvolvimento como as aspirações profissionais, valores do papel sexual, autoconceito, sentimentos de competência e realização podem ser influenciados pela ruptura familiar”.

Em suas pesquisas, Andrade (1997) que uma família bem estruturada, na qual o indivíduo recebeu uma carga adequada de energia grupal e pode desenvolver-se

harmoniosamente dentro de uma dinâmica grupal saudável, na qual o indivíduo pôde amadurecer sendo respeitado como tal e respeitando os demais, na qual os limites de cada um foram observados e os potenciais individuais adequadamente otimizados e promovidos gerarão, certamente, indivíduos mais seguros e altivos, capazes de estabelecer com vida profissional uma relação construtiva e prazerosa.

Para Magagnin (1997):

“Vários estudos concluem que a separação dos pais denota um impacto negativo no auto conceito dos filhos, uma vez que a percepção dos conflitos familiares e/ou a infelicidade do casal aumenta as dificuldades ao ajustamento social e pessoal do adolescente.” (p15)

Andolfi e Angelo (1989) enfatizam que a família intacta cria um autoconceito mais positivo, principalmente nos aspectos que dizem respeito ao relacionamento afetivo, às aquisições escolares, às amizades e a autonomia. Assim, o grupo familiar cria uma coesão interna e uma proteção externa propiciando um sistema de atividades que possui um valor normativo para a organização dos instintos e das emoções dos indivíduos, ajudando o adolescente a discriminar o real do imaginário.

A partir das pesquisas realizadas observa-se que a família nuclear não existe mais. A família de hoje está mudando e o efeito desta mudança reflete na escolha profissional e deve ser levada em consideração, pois as entradas e saídas de membros familiares repercutem nos processos que para Bohoslavsky (1982), estão na base da escolha profissional. Fica claro, que a influencia familiar no momento da escolha profissional é inquestionável com efeitos claros na construção da subjetividade e nos processos identificatórios daquele que escolhe.

Entende-se que o mundo é formado por pessoas diferentes e com diferentes personalidades. No próximo capítulo pretendo aprofundar minha pesquisa na teoria de Carl Gustav Jung, que foi um dos autores que estudou a personalidade humana e preocupou-se em investigar as relações do homem com o mundo externo e a comunicação entre as pessoas.

4 A tipologia de Carl Gustav Jung

As tentativas humanas de estabelecer uma ordem na multiplicidade dos indivíduos são antigas. Tem-se a Astrologia, com os trígonos dos quatros elementos: ar, água, terra e fogo. Dizem que, quem nasce sob o signo pertencente a um desses trígonos participará da sua natureza (airos, ígnea, etc.), além de apresentar temperamento e destino correspondente.

Carl Gustav Jung em seus estudos procurou estudar a personalidade humana e as relações que o homem estabelece com o mundo externo. Jung é conhecido como um dos maiores psicólogos do século XX.

Conforme palavra de Hall e Lindzey (1973)

“Durante meio século dedicou-se com grande energia e originalidade de propósito analisar os processos profundos da personalidade humana. A originalidade e a audácia do pensamento de Jung têm poucos paralelos na história da ciência atual, nenhum outro homem, pondo de lado Freud, abriu maiores perspectivas naquilo que Jung chamou “a alma do homem”.

Em 1921, Jung em seu livro “Tipos Psicológicos” trouxe uma contribuição fundamental para o entendimento da tipologia humana, suas pesquisas foram fundamentadas com 20 anos de observação no exercício da medicina psiquiátrica e da psicologia prática.

Para Jung a tipologia humana é:

“Tipo é uma disposição geral que se observa nos indivíduos, caracterizando-os quanto a interesse, referencias e habilidades. Por disposição deve-se entender o estado da psique preparada para agir ou reagir numa determinada situação.” (1921 p24.)

Autor distinguiu duas formas de atitudes ou disposição das pessoas em relação ao objeto: a pessoa que prefere focar a sua atenção no mundo externo de fatos e pessoas (extroversão), e pessoas que preferem focar sua atenção no mundo interno de representações e impressões psíquicas (introversão). Para Jung, cada tipo de disposição

representa uma forma natural do indivíduo no seu modo de relacionar-se com o mundo. Ele acrescenta que mostrar disposição significa “estar disposto para algo determinado, ainda que esse algo seja inconsciente”.

Para o autor, a distinção entre introvertidos e extrovertidos reside na direção que seus interesses possuem e no momento da libido, que se entende como sendo a energia psíquica. Entende-se extroversão como o enfoque dado ao objeto e a introversão como enfoque dado ao sujeito.

Para Jung (1971):

“A extroversão e a introversão são atitudes naturais, antagônicas entre si, ou movimentos dirigidos, que já foram definidos por Goethe como diástole e diástole. Em sucessão harmônica, deveriam formar o ritmo da vida. Alcançar esse ritmo harmônico supõe uma suprema arte de viver” (p.51)

Para Silveira (1988):

“não só o homem comum poder ser enquadrado numa dessas duas atitudes típicas. Igualmente os filósofos, através de suas concepções do mundo revelam seus tipos psicológicos, bem como os artistas, através de suas interpretações da vida. Jung se intrigava que os mesmos fenômenos psíquicos fossem vistos e compreendidos tão diferentemente por homens de ciência, cada um de seu lado, honestamente convencido de haver descoberto a verdade única.” (p.54)

De acordo com a visão do autor, o tipo psicológico de um indivíduo é determinado pela introversão e extroversão, e também fazem parte quatro funções do consciente que o ego habitualmente emprega, que são as funções psíquicas que citarei no próximo tópico.

4.1 Funções Psíquicas

Jung para explicar as diferenças dos tipos Psicológicos, lançou mão do conceito de Função Psíquica ou Processo Mental, segundo o autor é uma atividade da psíque que apresenta uma consistência interna, sendo uma atribuição congênita, que estabelece habilidades, aptidões e tendências no relacionamento do indivíduo com o mundo e consigo mesmo. Pois, além dos dois tipos de atitudes, Jung verificou que existiam diferenças importantes entre pessoas de um mesmo grupo.

Para o autor, estas diferenças eram causadas pelas diversas maneiras com que as pessoas utilizam suas mentes, ou seja, pelas funções psíquicas e ou processos mentais preferencialmente utilizados pela pessoa para se relacionar com o mundo externo ou interno.

Jung identificou quatro funções psíquicas que a consciência usa para fazer reconhecimento do mundo e orientar-se. Ele definiu as funções como: Sensação, Pensamento, Sentimento e Intuição e juntas com as atitudes formam os tipos psicológicos.

A sensação e a Intuição são função dos sentidos, a função do real, a função que traz as informações (percepções) do mundo por meio dos órgãos dos sentidos. Pessoas do tipo sensação acreditam nos fatos, tem facilidade para lembrar—se delas e dão atenção ao presente. Essas pessoas tem enfoque no real e no concreto, são voltadas para o aqui e agora e costumam serem práticas e realistas. Preocupam-se em manter as coisas funcionando do que inventar coisas novas.

Oposto da função sensação é a função intuição, na qual a percepção se dá por meio do inconsciente e a apreensão do ambiente geralmente acontece por meio de “pressentimentos”, “palpites” ou “inspirações”. A intuição busca os significados, as relações e as possibilidades futuras da informação recebida. Pessoas com esta função predominante costumam apresentar dificuldades na percepção detalhada.

As funções pensamento e sentimento são consideradas pelo autor como racionais por terem caráter judicativo e por serem influenciadas pela reflexão, determinado o modo

de tomada de decisão. Elas também são chamadas de funções de julgamento, responsáveis pelas conclusões acerca dos assuntos de que trata da consciência.

A função pensamento estabelece a conexão lógica e conceitual entre os fatos estabelecidos. As pessoas que utilizam o Pensamento fazem uma análise lógica e racional dos fatos: julgam, classificam e discriminam uma coisa da outra sem interesse pelo seu valor afetivo. Procuram orientar-se por leis gerais aplicáveis as situações, sem levar em conta interesses de valor pessoal.

A função racional que se contrapõe á função pensamento e a função sentimento. Segundo Lessa (2003):

“Quem usa o Sentimento julga o valor intrínseco das coisas, tende a valorizar os sentimentos em suas avaliações, preocupa-se com a harmonia do ambiente e incentiva movimentos sociais. Utilizam-se de valores pessoais na tomada de decisão, mesmo que essas decisões não tenham logicado ponto de vista da causalidade.” (p.28)

Para Silveira (1988), “as pessoas que utiliza a função Sentimento estabelece como o pensamento, mas a sua lógica é toda diferente. É a lógica do coração”. (p.54)

Jung ao demonstrar as quatro funções (1971) diz:

“Sob o conceito de sensação pretendo abranger todas as percepções através dos órgãos sensoriais; o pensamento é a função do conhecimento intelectual e da formação lógica de conclusões; por sentimento entendo uma função que avalia as coisas subjetivamente e por intuição entendo a percepção por vias inconscientes. A sensação constata o que realmente está presente. O pensamento nos permite conhecer o que significa este presente; o sentimento qual o seu valor; a intuição, finalmente aponta as possibilidades do “de onde” e do “para onde” que estão contidas neste presente. As quatros funções são algo como os quatro pontos cardeais. Tão arbitrárias e tão indispensáveis quanto este.” (p.497)

4.2 Dinâmica da personalidade

Carl Gustav Jung constatou ao analisar as quatro funções durante o desenvolvimento psíquico, que uma das funções destaca-se tornando a função dominante ou a principal, enquanto uma outra se desenvolverá com menos intensidade, tornando-se a função auxiliar da primeira e as outras funções se desenvolverão no inconsciente. O inconsciente é o produto da interação entre o inconsciente e o consciente coletivo e o meio ambiente em que o indivíduo nasce.

Para o autor, quando as funções desenvolvem-se em graus desiguais, passa a causar perturbações neuróticas no sujeito.

Segundo Jung, existe sempre uma função preferida pelo sujeito, e em virtude de seu maior uso, ela se torna diferenciada. Ela surge pelo exercício e pelo desenvolvimento de traços congênitos. Pode ser chamada também, de função principal caracteriza o Tipo Psicológico do indivíduo, dando a ele suas características psicológicas particulares. Assim, cada sujeito utiliza sua função principal, a fim de obter melhores resultados na luta pela existência.

Conforme escreveu Jung (1971):

“na luta pela existência e pela adaptação, cada qual emprega instintivamente sua função mais desenvolvida, que se torna, assim, o critério de seu hábito de reação. Assim como o Leão abate seu inimigo ou sua presa com a pata dianteira (e não com a cauda, como faz o crocodilo), também nosso hábito de reação se caracteriza normalmente por nossas forças, isto é, pelo emprego de nossa função mais confortável e mais eficiente que não impede que às vezes, também possamos reagir utilizando nossa fraqueza específica. Tentaremos criar e procurar situações condizentes e evitar outras para, assim, fazermos experiências especificamente nossas e diferentes dos outros” (p.493)

Para Silveira (1988), “a função dominante é a arma mais eficiente que o indivíduo dispõe para usar na sua orientação e adaptação ao mundo exterior; ela se torna o seu Habitat reacional” (p.56)

Segundo Sharp (1990), diz que experiência mostra que é praticamente impossível que alguém desenvolva todas as suas funções psicológicas simultaneamente, pois a exigência social obriga o homem a aplicar-se á diferenciação da função com a qual está mais bem equipado pela natureza, ou que vai lhe assegurar o maior sucesso social.

Ele afirmou:

“Muito frequentemente um homem se identifica mais ou menos completamente com sua função mais favorecida e, portanto, mais desenvolvida. É isto o que dá origem aos vários tipos psicológicos”. (p.73)

Para a autora Marie-Louse na infância pode-se notar em uma criança sua preferência por uma função, diz também, que pessoas que moram no campo e tem um contato maior com natureza, geralmente tem uma unilateridade abrandada.

4.3 Estágios do desenvolvimento da personalidade

Para Jung, o desenvolvimento da personalidade de um sujeito pode ser dividido em quatro estágios: a infância, a juventude e o início da maturidade, a meia idade e a velhice.

Na infância inicia-se parcialmente o processo de formação do ego, em consequência de uma aplicação da memória e do início da sensação do próprio eu. E nesta época a libido está investida nas atividades necessárias à sobrevivência e ao atendimento dos instintos básicos.

No estágio que abrange a juventude e início da maturidade inicia as alterações fisiológicas ocorridas à puberdade. Aqui Jung fala em nascimento psíquico, porque a psique começa a adquirir forma própria.

Segundo Jung na meia-idade a pessoa pode apresentar problemas de adaptação peculiares, para os quais não está preparada, pois o sujeito experimenta uma sensação de vazio e depressão. É a época em que a auto realização se dá por meio da meditação mais do que pela atividade.

No envelhecimento, que é a quarta-fase da vida e da interiorização, tem-se a desaceleração de todo o processo de vida pelo acolhimento da função inferior seria um aspecto necessário a todo ser humano. A individuação é um dos principais conceitos da teoria de Jung. “O processo de individuação é o eixo da Psicologia Junguiana” e diz respeito a um processo amplo e complexo que responde a uma necessidade natural do homem de crescer, completar-se e entrar em contato com os aspectos menos desenvolvidos da sua personalidade. E não consiste em um processo linear e a pessoa tem de realizar plenamente suas potencialidades inatas.

O entendimento dos tipos psicológicos propostos por Jung deixa mais claro quais carreiras o sujeito pode seguir. Os estágios propostos Jung facilitam o reconhecimento da fase que o sujeito está passando e as possíveis transformações psicológicas vividas por ele. **Assim, o psicopedagogo pode planejar um conjunto de ações para um futuro remanejamento profissional.**

5 Considerações finais

Constato nas leituras realizadas, a permanente mudança na evolução da humanidade em questões sociais e econômicas que refletem significativas alterações no mundo do trabalho e conseqüentemente nas relações pessoais e coletivas.

A psicopedagogia entende o desenvolvimento do ser humano com um enfoque psicodinâmico e enfatiza a compreensão do indivíduo com um ser ativo frente a sua existência em um processo contínuo de desenvolvimento. Considera que o homem constrói o mundo e nele se constrói, em constante dialética, tecendo, assim, complexa rede de vínculos e relações sociais.

A discussão entre orientação profissional e orientação vocacional, tornou-se necessária nesta pesquisa devido a um entendimento sobre a área de atuação por mim escolhida. Entendo que orientação profissional torna-se o termo mais adequado, pois abrange princípios que coincidem com os da **psicopedagogia** que são: **viabilizar a melhoria da qualidade de vida e com o favorecimento da existência digna das atuais e das futuras gerações com a compreensão de que o exercício da profissão e da cidadania caminham juntos e são construídos nas relações.**

Como psicopedagoga, entendo que o processo de aprendizagem acontece quando o indivíduo tem a possibilidade de exercitar uma abstração reflexiva sobre os fatos e acontecimentos por ele vivido e experimentado em qualquer fase de sua vida. Os jovens que estão na fase da adolescência passam a vivenciar e reavaliar estas questões vividas com mais intensidade e criticidade.

O trabalho em orientação profissional junto a eles podem promover um caminho para a superação da crise de identidade vivida e, também, ampliar as escolhas vislumbradas a respeito da profissão escolhida. A teoria de Jung abre portas para identificar a função psíquica melhor desenvolvida no indivíduo e a conscientização das que necessitam desenvolver-se.

A Psicopedagogia entra com a capacidade de entender e dialogar com a interdisciplinariedade existente entre os teóricos que pensam o desenvolvimento humano e as dificuldades encontradas nas relações da permanente mudança da humanidade.

As contribuições de um enfoque clínico apresenta-se como um recurso a ser utilizado nas conquistas planejadas em orientação profissional e na busca da identidade profissional com vistas à busca da individuação citada por JUNG. Assim, o processo decisório vivenciado pelo indivíduo pode seguir seu caminho lógico e psicológico integrados na busca de poder ser e na busca do “seu chamado”.

6 Bibliografia

- ANDOLFI, M. ANGELO C. O tempo e mito em psicoterapia familiar. Porto Alegre: artmed, 1989.
- BECKER, Daniel. O que é adolescência. Editora Brasiliense, 1985
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. Orientação vocacional: a estratégia clínica; tradução José Maria Valeije Bojart; revisão e apresentação Wilma Millan Alves Penteado. – 12º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BORDIN, E. Asesoria psicológica. México: Trilhas, 1975.
- BOSSA, Nadia A. Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- JUNG, C. G. Fundamentos da psicologia analítica. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.
- MAGAGNIN, C. Percepção de atitudes parentais pelo filho adolescente: uma abordagem familiar sistêmica. Aletheia: Revista do Curso de Psicologia, Canoas, n.8, p.21-35. Jul./dez. 1998.
- LEVENFUS, Rosane Schotgues, Dulce Helena Penna Soares & colaboradores. Orientação vocacional ocupacional /– 2.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.
- SHARP, D. Tipos de personalidade. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.
- SILVEIRA, Neira. Jung: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- STEINBERG, L. (1993). Adolescence (3rd Ed.). New York: MacGraw-Hill.
- VEINSTEIN, S. B. G. La eleccion vocacional ocupacional: estratégias técnicas. Buenos Aires: Marymar, 1994.